

**3ª
SÉRIE**

CANAL SEDUC-PI3



PROFESSOR (A):

**FLÁVIA
LÊDA**



DISCIPLINA:

**OFICINA DE
LÍNGUA
PORTUGUESA**



AULA Nº:

09



CONTEÚDO:

CONTO/MINICONTO



TEMA GERADOR:

**PAZ NA
ESCOLA**



DATA:

07.05.2020

ROTEIRO DE AULA

- **TEMPO DE AULA:** 50 min
- **ACOLHIMENTO**
- **GÊNERO TEXTUAL:** CONTO / MINICONTO
- **EXPLANAÇÃO DO CONTEÚDO:** Características, função e elementos composicionais do CONTO e do MINICONTO
- **TEMPO PARA O REGISTRO VERBAL ESCRITO DA AULA**
- **DA TEORIA À PRÁTICA:** ATIVIDADES DE SALA
- **DESCRIPTORIOS A SEREM ALCANÇADOS:**
 - ❖ **D3** - Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.
 - ❖ **D6** – Identificar o tema de um texto.
 - ❖ **D10** - Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.
 - ❖ **D12** - Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.
- **ATIVIDADE PARA CASA**

**Quem conta um
conto, aumenta um
ponto!**

**Então, vamos lá
compreender como isso
funciona?**





HORA *da* LEITURA!

Ela subia sem pressa a tortuosa ladeira. À medida que avançava, as casas iam rareando, modestas casas espalhadas sem simetria e ilhadas em terrenos baldios. No meio da rua sem calçamento, coberta aqui e ali por um mato rasteiro, algumas crianças brincavam de roda. A débil cantiga infantil era a única nota viva na quietude da tarde.

Ele a esperava encostado a uma árvore. Esguio e magro, metido num largo blusão azul-marinho, cabelos crescidos e desalinhados, tinham um jeito jovial de estudante.

– Minha querida Raquel.

Ela encarou-o, séria. E olhou para os próprios sapatos.

– Vejam que lama. Só mesmo você inventaria um encontro num lugar destes. Que ideia, Ricardo, que ideia! Tive que descer do taxi lá longe, jamais ele chegaria aqui em cima.

Ele sorriu entre malicioso e ingênuo.

(...)

– Podia ter escolhido um outro lugar, não? – Abrandara a voz – E que é isso aí? Um cemitério?

(...)

– Cemitério abandonado, meu anjo. Vivos e mortos, desertaram todos. Nem os fantasmas sobraram, olha aí como as criancinhas brincam sem medo – acrescentou, lançando um olhar às crianças rodando na sua ciranda. Ela tragou lentamente. Soprou a fumaça na cara do companheiro. Sorriu. – Ricardo e suas ideias. E agora? Qual é o programa? Brandamente ele a tomou pela cintura.

– Conheço bem tudo isso, minha gente está enterrada aí. Vamos entrar um instante e te mostrarei o pôr do sol mais lindo do mundo.

Perplexa, ela encarou-o um instante. E vergou a cabeça para trás numa risada.

– Ver o pôr do sol!...Ah, meu Deus...Fabuloso, fabuloso!...Me implora um último encontro, me atormenta dias seguidos, me faz vir de longe para esta buraqueira, só mais uma vez, só mais uma! E para quê? Para ver o pôr do sol num cemitério...

Ele riu também, afetando encabulamento como um menino pilhado em falta.

– Raquel minha querida, não faça assim comigo. Você sabe que eu gostaria era de te levar ao meu apartamento, mas fiquei mais pobre ainda, como se isso fosse possível. Moro agora numa pensão horrenda, a dona é uma Medusa que vive espiando pelo buraco da fechadura...

– E você acha que eu iria?

– Não se zangue, sei que não iria, você está sendo fidelíssima. Então pensei, se pudéssemos conversar um instante numa rua afastada...- disse ele, aproximando-se mais. Acariciou-lhe o braço com as pontas dos dedos. Ficou sério. E aos poucos, inúmeras rugazinhas foram se formando em redor dos seus olhos ligeiramente apertados. Os leques de rugas se aprofundaram numa expressão astuta. Não era nesse instante tão jovem como aparentava. Mas logo sorriu e a rede de rugas desapareceu sem deixar vestígio. Voltou-lhe novamente o ar inexperiente e meio desatento –Você fez bem em vir.

- Quer dizer que o programa... E não podíamos tomar alguma coisa num bar?
- Estou sem dinheiro, meu anjo, vê se entende.
- Mas eu pago.
- Com o dinheiro dele? Prefiro beber formicida. Escolhi este passeio porque é de graça e muito decente, não pode haver passeio mais decente, não concorda comigo? Até romântico. Ela olhou em redor. Puxou o braço que ele apertava.
- Foi um risco enorme Ricardo. Ele é ciumentíssimo. Está farto de saber que tive meus casos. Se nos pilha juntos, então sim, quero ver se alguma das suas fabulosas ideias vai me consertar a vida.
- (...)
- É um risco enorme, já disse . Não insista nessas brincadeiras, por favor. E se vem um enterro? Não suporto enterros.
- Mas enterro de quem? Raquel, Raquel, quantas vezes preciso repetir a mesma coisa?! Há séculos ninguém mais é enterrado aqui, acho que nem os ossos sobraram, que bobagem. Vem comigo, pode me dar o braço, não tenha medo...

(...) Amuada mas obediente, ela se deixava conduzir como uma criança. Às vezes mostrava certa curiosidade por uma ou outra sepultura com os pálidos medalhões de retratos esmaltados.

– É imenso, hem? E tão miserável, nunca vi um cemitério mais miserável, é deprimente – exclamou ela atirando a ponta do cigarro na direção de um anjinho de cabeça decepada.- Vamos embora, Ricardo, chega.

– Ah, Raquel, olha um pouco para esta tarde! Deprimente por quê? Não sei onde foi que eu li, a beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da tarde, está no crepúsculo, nesse meio-tom, nessa ambiguidade. Estou lhe dando um crepúsculo numa bandeja e você se queixa.

– Não gosto de cemitério, já disse. E ainda mais cemitério pobre.

Delicadamente ele beijou-lhe a mão.

– Você prometeu dar um fim de tarde a este seu escravo.

– É, mas fiz mal. Pode ser muito engraçado, mas não quero me arriscar mais.

– Ele é tão rico assim?

– Riquíssimo. Vai me levar agora numa viagem fabulosa até o Oriente. Já ouviu falar no Oriente? Vamos até o Oriente, meu caro...

Ele apanhou um pedregulho e fechou-o na mão. A pequenina rede de rugas voltou a se estender em redor dos seus olhos. A fisionomia, tão aberta e lisa, repentinamente escureceu, envelhecida. Mas logo o sorriso reapareceu e as rugazinhas sumiram.

– Eu também te levei um dia para passear de barco, lembra?

Recostando a cabeça no ombro do homem, ela retardou o passo.

– Sabe Ricardo, acho que você é mesmo tantã...Mas, apesar de tudo, tenho às vezes saudade daquele tempo. Que ano aquele! Palavra que, quando penso, não entendo até hoje como aguentei tanto, imagine um ano.

(...) Ela aconchegou-se mais a ele. Bocejou.

(...)

– Mais alguns passos...

– Mas este cemitério não acaba mais, já andamos quilômetros! – Olhou para atrás. – Nunca andei tanto, Ricardo, vou ficar exausta.

– A boa vida te deixou preguiçosa. Que feio – lamentou ele, impelindo-a para frente. – Dobrando esta alameda, fica o jazigo da minha gente, é de lá que se vê o pôr do sol. – E, tomando-a pela cintura: – Sabe, Raquel, andei muitas vezes por aqui de mãos dadas com minha prima. Tínhamos então doze anos. Todos os domingos minha mãe vinha trazer flores e arrumar nossa capelinha onde já estava enterrado meu pai. Eu e minha priminha vínhamos com ela e ficávamos por aí, de mãos dadas, fazendo tantos planos. Agora as duas estão mortas.

– Sua prima também?

– Também. Morreu quando completou quinze anos. (...)

– Eu gostei de você, Ricardo.

– E eu te amei. E te amo ainda. Percebe agora a diferença?

Um pássaro rompeu o cipreste e soltou um grito. Ela estremeceu.

– Esfriou, não? Vamos embora.

– Já chegamos, meu anjo. Aqui estão meus mortos.

(...)Ela adiantou-se e espiou através das enferrujadas barras de ferro da portinhola. Na semiobscuridade do subsolo, os gavetões se estendiam ao longo das quatro paredes que formavam um estreito retângulo cinzento.

– E lá embaixo?

– Pois lá estão as gavetas. E, nas gavetas, minhas raízes. Pó, meu anjo, pó- murmurou ele. Abriu a portinhola e desceu a escada. Aproximou-se de uma gaveta no centro da parede, segurando firme na alça de bronze, como se fosse puxá-la. – A cômoda de pedra. Não é grandiosa?

Detendo-se no topo da escada, ela inclinou-se mais para ver melhor.

– Todas estas gavetas estão cheias?

(...)

Ela cruzou os braços. Falou baixinho, um ligeiro tremor na voz.

– Vamos, Ricardo, vamos.

– Você está com medo?

– Claro que não, estou é com frio. Suba e vamos embora, estou com frio!

(...) Um baque metálico decepou-lhe a palavra pelo meio. Olhou em redor. A peça estava deserta. Voltou o olhar para a escada. No topo, Ricardo a observava por detrás da portinhola fechada. Tinha seu sorriso meio inocente, meio malicioso.

– Isto nunca foi o jazigo da sua família, seu mentiroso? Brincadeira mais cretina! – exclamou ela, subindo rapidamente a escada. – Não tem graça nenhuma, ouviu?

Ele esperou que ela chegasse quase a tocar o trinco da portinhola de ferro. Então deu uma volta à chave, arrancou-a da fechadura e saltou para trás.

– Ricardo, abre isto imediatamente! Vamos, imediatamente! – ordenou, torcendo o trinco.- Detesto esse tipo de brincadeira, você sabe disso. Seu idiota! É no que dá seguir a cabeça de um idiota desses. Brincadeira mais estúpida!

– Uma réstia de sol vai entrar pela frincha da porta, tem uma frincha na porta. Depois, vai se afastando devagarinho, bem devagarinho. Você terá o pôr do sol mais belo do mundo.

Ela sacudia a portinhola.

(...)

– Chega, Ricardo! Você vai me pagar!... – gritou ela, estendendo os braços por entre as grades, tentando agarrá-lo.- Cretino! Me dá a chave desta porcaria, vamos!- exigiu, examinando a fechadura nova em folha. Examinou em seguida as grades cobertas por uma crosta de ferrugem. Imobilizou-se. Foi erguendo o olhar até a chave que ele balançava pela argola, como um pêndulo. Encarou-o, apertando contra a grade a face sem cor. Esbugalhou os olhos num espasmo e amoleceu o corpo. Foi escorregando.

– Não, não...

Voltado ainda para ela, ele chegara até a porta e abriu os braços. Foi puxando as duas folhas escancaradas.

– Boa noite, meu anjo.

Os lábios dela se pregavam um ao outro, como se entre eles houvesse cola. Os olhos rodavam pesadamente numa expressão embrutecida.

– Não...

Guardando a chave no bolso, ele retomou o caminho percorrido. No breve silêncio, o som dos pedregulhos se entrechocando úmidos sob seus sapatos. E, de repente, o grito medonho, inumano:

– NÃO!

Durante algum tempo ele ainda ouviu os gritos que se multiplicaram, semelhantes aos de um animal sendo estraçalhado. Depois, os uivos foram ficando mais remotos, abafados como se viessem das profundezas da terra. Assim que atingiu o portão do cemitério, ele lançou ao poente um olhar mortiço. Ficou atento. Nenhum ouvido humano escutaria agora qualquer chamado. Acendeu um cigarro e foi descendo a ladeira. Crianças ao longe brincavam de roda.

TELLES, Lygia Fagundes. ***Venha ver o pôr do sol***. In: Antes do Baile Verde. 1970 (Adaptado).

CASO VOCÊ QUEIRA FAZER A LEITURA DO CONTO NA ÍNTEGRA, EIS AQUI O LINK PARA ACESSO:

Disponível em: <http://www.beatrix.pro.br/index.php/venha-ver-o-por-do-sol-lygia-fagundes-telles/>. Acesso em: 25 abr. 2020.

PARA REFLEXÃO...

- No texto lido, há presença de uma história?
- Há presença de personagens?
- Há falas dessas personagens?
- Em que local se passa a história?
- O tempo da história segue uma sequência na sucessão dos acontecimentos ou não?
- Qual o conflito da história?
- Em que consiste a história?
- Como a história é concluída?

Questionamentos

- ❖ Qual a trama da história e sua função para o entendimento do conto?
- ❖ Quem conta a história está fora ou dentro dela?
- ❖ A história segue uma sequência dos fatos ou há uma inversão na ordem gradativa dos acontecimentos?
- ❖ Em que lugares a história se passa?

ENTENDENDO O GÊNERO CONTO

➤ Então o que seria um conto?

CONTO: é uma obra de ficção, um texto ficcional. Cria um universo de seres e acontecimentos de ficção, de fantasia ou imaginação. Sendo mais curto que a novela ou o romance, o conto tem uma estrutura fechada, desenvolve uma história e tem apenas um clímax. O conto é conciso.

É BOM LEMBRAR QUE: O conto quase nunca é publicado isoladamente. Geralmente ele faz parte de uma obra maior. Uma coletânea de contos, por exemplo.

ENTENDENDO O GÊNERO CONTO

➤ Quais os elementos que constituem um conto?

- ❖ **Narrador** [quem conta a história]
- ❖ **Personagens** [quem participa da história]
- ❖ **Enredo** [desenrolar da história]
- ❖ **Tempo** [duração da história]
- ❖ **Espaço** [local(is) em que ocorre(m) a história]
- ❖ **Conflito** [é o desafio que os personagens principais precisam resolver para atingir seus objetivos.]
- ❖ **Desfecho** [é a solução do conflito produzido pelas ações dos personagens.]
- ❖ **Clímax** [é o ponto da narrativa em que a ação atinge seu momento crítico, tornando o desfecho inevitável]

QUAIS AS PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO CONTO

- ☐ Concisão [linguagem clara e direta];
- ☐ precisão [curta duração temporal];
- ☐ brevidade [uma narrativa curta e linear];
- ☐ densidade [concentrada em uma única ação];
- ☐ poucas personagens;
- ☐ ações situadas, em geral, num só espaço.

ESPECIFICIDADES DO CONTO

- Apresenta apenas uma célula dramática;
- poucos personagens intervêm na narrativa;
- cenário limitado, espaço restrito;
- espaço de tempo curto;
- diálogos sugestivos que permitem mostrar os conflitos entre as personagens;
- ação reduzida ao essencial, há um só conflito;
- narrativa objetiva; por vezes, não há a descrição;
- a habilidade com as palavras é muito importante, principalmente para se utilizar de alusões ou sugestões, frequentemente presentes nesse tipo de texto.

O MINICONTO ou NANOCONTO

definição

Também chamado de *microconto* ou *nanoconto* não apresenta todos os elementos da narrativa.

Trata-se de um gênero curto que apresenta apenas um detalhe, um *fulgor* narrativo.

Esse gênero, ainda não reconhecido pela academia, caracteriza-se pela *extrema brevidade*.

conto	miniconto [nanoconto]
narra	sugere
apresenta todos os elementos da narrativa	mais ênfase no enredo
conta a história com início-meio-fim	o leitor preenche as elipses narrativas
síntese [parágrafo(s)]	brevidade [poucos caracteres]
sentidos controlados pelo escrito	colaboração do leitor p/ significar

EXEMPLOS DE NANOCONTO

NA DESPEDIDA, RECEBEU
UM BEIJO NO ROSTO E
UM ABRAÇO APERTADO.
QUERIA MESMO ERA UM
BEIJO NOS LÁBIOS. MAS
A AMIZADE, APESAR DE
UNIR, OS MANTINHA
SEPARADOS.

facebook.com/nanoconto



Coach

Numa certa manhã, ao despertar de uma sono sem sonhos, o coach percebeu que, embora ainda **humano**, falhara no essencial: **ser**.

Lailton Garcia

190.

"Alô? Meu marido está morto!"
DISSE AO TELEFONE,
AINDA COM A FACA
NA MÃO.

facebook.com/nanoconto

TEXTO PARA AS QUESTÕES DE 1 A 3. ATIVIDADE

A felicidade na simplicidade

Era um menino tímido, tinha acabado de chegar à cidade grande. Acostumado à vida simples do campo, sempre morou cidade pequena de Flores, onde todos se conheciam e se respeitavam, estranhou logo de cara a vida acelerada, muitos carros, pessoas estranham que mal se cumprimentavam, a escola e os colegas. João, recém-matriculado na escola Paulo Freire, era um bom aluno, procurava participar das aulas e, não demorou muito, já ouvia piadinhas do tipo: “Lá vai o caipira CDF, babão de professor, o quatro farol...” e outras coisas ofensivas do tipo. Tímido, João procurava não ligar para os colegas maldosos. Talvez aquela fosse uma prática comum na grande estranha cidade. Um dia, na hora do intervalo, percebeu que o lanche, que sua mãe havia preparado com tanto carinho, tinha sumido! Como assim?! Eu sei que ele estava aqui! De repente, três meninos da sala dele se aproximam e, para a surpresa de João, carregavam consigo o lanche dele. Um deles, mais alto e mais forte, olha de modo ameaçador e diz:

“Quer o lanchinho?! Vem pegar...bebezão”...os outros colegas, enquanto isso, começam a rir da situação.



João, acostumado a dividir o pouco que tinha, não pensou duas vezes:

- Posso dividir com vocês, não tem problema!

O menino, com raiva, joga o saco na cara de João, que não entendeu tamanha agressividade, e depois pisa no lanche, dizendo:

- Não como lavagem, isso é para porcos como você! Agora, você vai comer o lanche e não vai dizer nada, senão nós vamos te encher de porrada! Os outros, não menos ameaçadores, começam a fazer o gesto de socar uma mão na outra...

A vítima, esforçando-se para conter as lágrimas, obedece à ordem sem titubear! Até que Ufa! soa o sinal do fim do intervalo! Aquele pesadelo parecia não ter fim.

Mais tarde, ao chegar em casa, a mãe nota João muito triste e cabisbaixo. Filho, quer me dizer alguma coisa? Ele, calado, abraça a mãe bem forte e chora bastante. Ao se acalmar, revela tudo a ela, que, indignada, vai à escola falar com a Direção para exigir providências.

Ao saber do ocorrido, o diretor, não menos indignado, resolve punir os alunos indisciplinados! Além de pedirem desculpas pessoalmente a João, diante de toda a turma e da mãe revoltada, foram obrigados a levar lanches para ele durante uma semana!

João, sempre resiliente e gentil, convidou os colegas agressores para almoçar uma deliciosa galinha caipira que a mãe dele sabia preparar como ninguém. Essa atitude belíssima do menino fez com que não só os colegas se envergonhassem do que haviam feito, como também com que mudassem de atitude. Mais tarde, os ex-valentões e João criaram um projeto artístico na escola visando a ações de combate ao Bullying e, além disso, mobilizaram uma companhia de conscientização de outros jovens que, por acaso, pensassem em agir daquela forma terrível. Quem diria que um garoto “caipira” ensinaria os jovens da cidade a enxergar a felicidade na simplicidade.

❖ **D12** - Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

QUESTÃO 1 [Prof.^a Flávia Lêda] O texto “A felicidade na simplicidade” é um conto, pois

- A) narra um fato atual.
- B) prioriza a descrição subjetiva das personagens.
- C) possui poucas personagens, concentradas em uma só ação.
- D) trata de problemas sofridos pelos jovens em idade escolar.

❖ **D12** - Identificar a finalidade de textos de diferentes gêneros.

QUESTÃO 1 [Prof.^a Flávia Lêda] O texto “A felicidade na simplicidade” é um conto, pois

- A) narra um fato atual.
- B) prioriza a descrição subjetiva das personagens.
- C) possui poucas personagens, concentradas em uma só ação.
- D) trata de problemas sofridos pelos jovens em idade escolar.

❖ **D3** - Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

QUESTÃO 2 [Prof.ª Flávia Lêda] No fragmento “João, sempre resiliente e gentil”, a expressão destacada significa

- A) preocupado.
- B) flexível.
- C) minucioso.
- D) sensato.

Canal
Educação
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

❖ **D3** - Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

QUESTÃO 2 [Prof.ª Flávia Lêda] No fragmento “João, sempre resiliente e gentil”, a expressão destacada significa

- A) preocupado.
- B) flexível.**
- C) minucioso.
- D) sensato.

Canal
Educação
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA

❖ D6 – Identificar o tema de um texto.

QUESTÃO 3 [Prof.ª Flávia Lêda] O tema central retratado no conto “A felicidade na simplicidade” é o bullying. Na trama, a personagem principal vence o problema

- A. se vingando dos agressores.
- B. aceitando passivamente a opressão.
- C. revelando o ocorrido a seus professores.
- D. desabafando e tratando de modo oposto aqueles que o ofenderam.

QUESTÃO 3 [Prof.ª Flávia Lêda] O tema central retratado no conto “A felicidade na simplicidade” é o bullying. Na trama, a personagem principal vence o problema

- A. se vingando dos agressores.
- B. aceitando passivamente a opressão.
- C. revelando o ocorrido a seus professores.
- D. desabafando e tratando de modo oposto aqueles que o ofenderam.

❖ **D10** - Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

QUESTÃO 4 [Prof.ª Flávia Lêda] Leia o nanoconto.

TÁ TUDO UM DESERTO

Em plena quarentena
o movimento caiu drasticamente.
Cada um no seu oásis.



André Ricardo Aguiar
feat. Jennifer Trajano

Sobre ele infere-se que

- A. apresenta todos os elementos da narrativa.
- B. conta a história com início, meio e fim.
- C. possui espaços abertos que permitem ao leitor participar da história.
- D. os sentidos são controlados pelo escritor.

❖ **D10** - Identificar o conflito gerador do enredo e os elementos que constroem a narrativa.

QUESTÃO 4 [Prof.ª Flávia Lêda] Leia o nanoconto.

TÁ TUDO UM DESERTO

Em plena quarentena
o movimento caiu drasticamente.
Cada um no seu oásis.



André Ricardo Aguiar
feat. Jennifer Trajano

Sobre ele infere-se que

- A. apresenta todos os elementos da narrativa.
- B. conta a história com início, meio e fim.
- C. possui espaços abertos que permitem ao leitor participar da história.
- D. os sentidos são controlados pelo escritor.

ATIVIDADE PARA CASA

Leia o texto seguinte.

“ESTAVA COBRINDO MEU FILHO QUANDO ELE ME DIZ: ‘PAPAI, VÊ SE NÃO TÊM MONSTROS DEBAIXO DA CAMA.’ PARA AGRADÁ-LO, OLHEI EMBAIXO DA CAMA E VI ELE, OUTRO DELE, EMBAIXO DA CAMA, OLHANDO PARA MIM, TREMENDO E MURMURANDO: ‘PAPAI, TEM ALGUÉM NA MINHA CAMA.’”

Reconheça o gênero a que pertence o texto lido, bem como suas características, função e elementos composicionais.



NA PRÓXIMA AULA



Canal
Educação
PROGRAMA DE MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA